

**FAPAC - FACULDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS
INSTITUTO TOCANTINENSE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS PORTO S/A
CURSO DE MEDICINA**

**ISABELA RAMOS NUNES PAIXÃO
TÁSSIA KENYA PEREIRA DA SILVA MELO**

**A PERCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS ACERCA DO HIV/AIDS E SUA
INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO DE RISCO – UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

**ISABELA RAMOS NUNES PAIXÃO
TÁSSIA KENYA PEREIRA DA SILVA MELO**

**A PERCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS ACERCA DO HIV/AIDS E SUA
INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO DE RISCO – UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

Artigo científico submetido ao Curso de Medicina da FAPAC - Faculdade Presidente Antônio Carlos ITPAC Porto Nacional, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Medicina.

Orientador(a): Prof. Ana Virginia Gama.

**PORTO NACIONAL-TO
2021**



A PERCEPÇÃO DOS UNIVERSITÁRIOS ACERCA DO HIV/AIDS E SUA INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO DE RISCO – UMA REVISÃO DE LITERATURA

PERCEPTION OF UNIVERSITY STUDENTS ABOUT HIV/AIDS AND ITS INFLUENCE ON RISK BEHAVIOR – A LITERATURE REVIEW

Isabela Ramos Nunes Paixão ¹
Tássia Kenya Pereira da Silva Melo ¹
Ana Virginia Gama ²

¹ Acadêmica do Curso de Medicina – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

² Médica e Professora de Ginecologia e Obstetrícia – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos

RESUMO: Introdução: Apesar de em alguns países as taxas de detecção de HIV estarem diminuindo, no Brasil essa taxa, principalmente entre os jovens, continua aumentando. Diante disso, a presente pesquisa buscou investigar a percepção dos universitários a respeito do HIV/AIDS e verificar se essa está influenciando no comportamento desses diante da possibilidade de serem infectados. **Metodologia:** Foi realizada uma revisão sistemática de literaturas publicadas de 2015 a 2021, na língua portuguesa e inglesa, por meio das bases de dados BVS, PubMed e CAPES. Das 189 pesquisas encontradas, 17 foram selecionadas para análise do texto completo. **Resultados:** O conhecimento dos universitários a respeito do HIV/AIDS é adequado na maioria das pesquisas analisadas, contudo isso não influenciou significativamente no comportamento de risco. Observando-se ainda que o conhecimento sobre as novas tecnologias de prevenção (PrEP e PEP) é pouco difundido e pesquisado, e portanto não conferem impacto no comportamento. **Discussão:** Observou-se que o comportamento adotado pelos universitários é mais influenciado por fatores culturais do que pelo conhecimento sobre a infecção. Além disso, o conhecimento sobre as novas tecnologias de prevenção e tratamento ainda é pouco difundido, sendo maior entre os estudantes da saúde. **Considerações finais:** A perpetuação dos comportamentos negativos frente à doença, mesmo entre futuros profissionais da saúde, não é baseada na sensação de segurança dada pelo avanço científico, mas sim por influências socioculturais.

Palavras-chave: Conhecimento. Universitários. HIV.

ABSTRACT: Introduction: Although in some countries the HIV detection rates are decreasing, in Brazil this rate, especially among young people, continues to increase. Therefore, this research sought to investigate the perception of college students about HIV/AIDS and verify whether it is influencing their behavior when facing the possibility of being infected. **Methodology:** A systematic review of literature published from 2015

to 2021 in Portuguese and English was carried out using the BVS, PubMed and CAPES databases. Of the 189 researches found, 17 were selected for full text analysis. **Results:** The knowledge of university students regarding HIV/AIDS is adequate in most of the research analyzed, however this did not significantly influence risk behavior. We also observed that knowledge about new prevention technologies (PrEP and PEP) is poorly disseminated and researched, and therefore has no impact on behavior. **Discussion:** It was observed that the behavior adopted by college students is more influenced by cultural factors than by knowledge about the infection. Furthermore, knowledge about new prevention and treatment technologies is still poorly disseminated, being greater among health students. **Final considerations:** The perpetuation of negative behaviors facing the disease, even among future health professionals, is not based on the sense of security provided by scientific advances, but by sociocultural influences.

Keywords: Knowledge. University students. HIV.

1 INTRODUÇÃO

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é um retrovírus, ou seja, um vírus de RNA que possui uma enzima (transcriptase reversa - RT) capaz de transformar o RNA viral em DNA e fazê-lo integrar-se ao genoma da célula hospedeira. Em contato com os fluídos corporais, este vírus ataca células do sistema imune que apresentam em sua superfície receptores CD4, os linfócitos T CD4+ (LTCD4+) e os macrófagos. Por acometer especificamente componentes da defesa do organismo humano, estes tendem a diminuir e, por consequência, tornar o indivíduo incapaz de lutar contra infecções e doenças oportunistas. Assim, os LTCD4+ podem atingir níveis inferiores a 200 células/mm³ de sangue, caracterizando a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS/SIDA), que é a manifestação final e mais grave da infecção pelo HIV (FOCACCIA; VERONESI, 2020).

Desde a primeira descrição deste vírus, em 1981, quando surgiram vários casos incomuns de pneumonia por *Pneumocystis carinii* e sarcoma de Kaposi (CENTERS, 1981), até os dias atuais, muitas mudanças aconteceram. O conhecimento a respeito dessa infecção foi aprofundado levando, conseqüentemente, ao desenvolvimento de métodos de prevenção e tratamento. Até o fim de 2019 as estatísticas globais da infecção pelo HIV eram de que 38 milhões de pessoas atualmente vivem com HIV/AIDS. 1,7 milhão destes haviam sido infectadas naquele ano e 690 mil pessoas morreram de AIDS nesse mesmo período (UNAIDS, 2020).

No Brasil, nos últimos 10 anos, houve um aumento de 20,9% nos casos de AIDS em jovens entre 15 e 24 anos, segundo o Departamento de Doenças de

Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020). Esse panorama, segundo Araújo *et al.* (2013), é atribuído ao fato de que esta faixa etária se encontra no início do período reprodutivo humano, no qual as pessoas são sexualmente mais ativas e com possibilidade de ter maior número de parceiros. Contudo, segundo ANDIFES (2018), a faixa etária dos 18 aos 25 é a de maior prevalência nas universidades brasileiras (68,5%), e, por isso, esperava-se que esses jovens tivessem adquirido, ou venham a adquirir, conhecimentos necessários à prática de uma vida sexual saudável para a prevenção do HIV, principalmente se ingressam em cursos na área da saúde (ARAUJO *et al.*, 2013).

Perante esse cenário, é imprescindível verificar a percepção do indivíduo jovem sobre esse problema, a fim de analisar como esse conhecimento interfere no seu comportamento diante de contextos cotidianos. E, em vista disso, foi levantada as seguintes questões: Como o conhecimento sobre o HIV/AIDS interfere no comportamento de risco dos estudantes universitários? Seria possível que a percepção sobre as novas “tecnologias” de prevenção e tratamento, que podem ser utilizadas até mesmo após a exposição ao agente, possam levar algumas pessoas a descuidar-se mais?

Portanto, este artigo buscou avaliar a qualidade do conhecimento dos universitários acerca do HIV/AIDS e as atitudes que adotam em comparação ao seu grau de informação sobre o assunto.

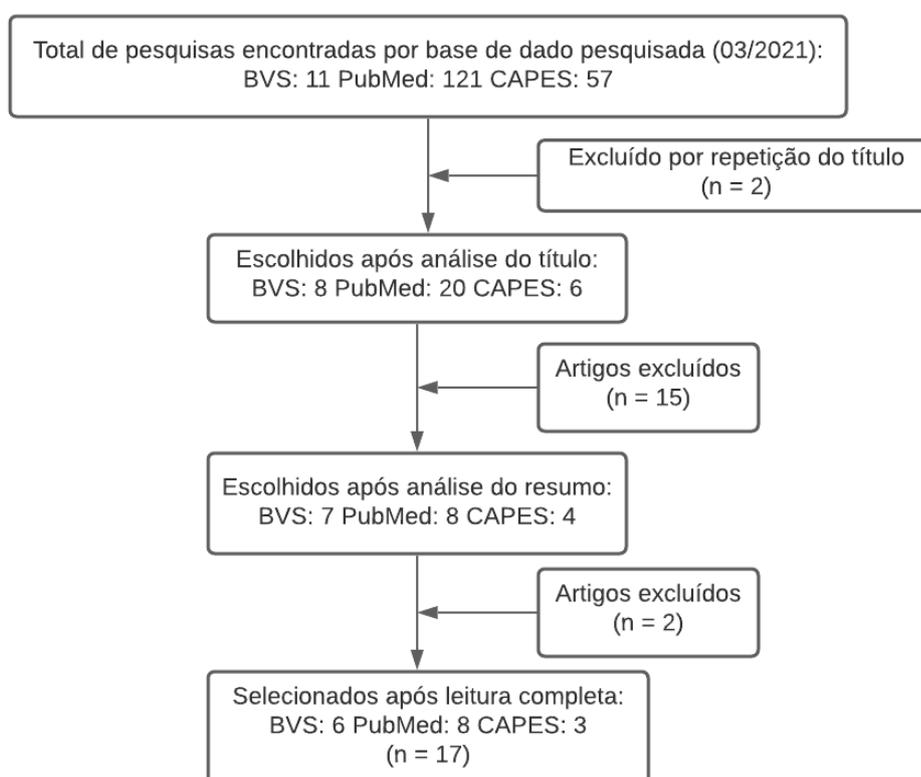
2 METODOLOGIA

Este trabalho consiste na revisão sistemática de literaturas científicas publicadas desde 2015, visando a obtenção de pesquisas mais recentes sobre o tema. Para o levantamento dos artigos, realizou-se uma busca nas seguintes bases de dados: BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PubMed e CAPES. Utilizou-se os descritores: conhecimento, universitários, HIV, associados pelos critérios de adição AND. Pesquisados ainda em março de 2021.

Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos escritos em português ou inglês, com disponibilidade em suporte eletrônico, que abordassem o assunto HIV no contexto universitário, tendo como critérios de exclusão: data de publicação inferior a 2015, a não pertinência com o tema abordado, pela análise dos resumos e a não gratuidade da disponibilização.

Na Biblioteca Virtual de Saúde, foram encontradas 11 pesquisas, destas, 6 foram selecionadas para a pesquisa final. Já a busca na base de dados PubMed realizou-se usando os três descritores na língua inglesa (*HIV, knowledge, college students*) o que totalizou 121 artigos, sendo a escolha final de 8 pesquisas internacionais. Finalmente, na plataforma CAPES foram encontrados 57 artigos, onde na escolha final restaram 3. O fluxograma a seguir ilustra o processo de seleção para os artigos finais, escolhidos segundo os critérios PRISMA (*Preferred Reporting items for Systematic Reviews*) adaptado (GALVÃO; PANSANI; HARRAD, 2015).

Figura 1. Fluxograma a respeito do processo de escolha de pesquisas para a revisão de literatura sobre HIV/AIDS em universitários.



Fonte: *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews (PRISMA)*

3 RESULTADOS

Os artigos selecionados nesta pesquisa passaram por criteriosa leitura e análise, resultando em uma amostra de 17 artigos. Desses, 9 são escritos em língua inglesa, sendo 1 resultado de pesquisa nacional e 8 de pesquisa internacional

advindas dos Estados Unidos, China, Península Arábica e Índia. Os 8 restantes em português produzidos em diversas regiões do Brasil (sul, sudeste, centro-oeste e nordeste), não sendo encontrado na Região Norte. Quanto ao delineamento dos estudos, esses são majoritariamente transversais com o uso do questionário autoaplicável, apenas um decorre da revisão sistemática da literatura.

Ademais, os achados foram caracterizados no quadro 1, seguindo os seguintes critérios: ano de publicação, autor, local de pesquisa, título, população amostral, objetivo e principais resultados, sendo os resultados categorizados em conhecimento e/ou comportamento.

A população de pesquisa consiste em estudantes universitários, conforme os critérios de inclusão. Diante disso, 7 dos estudos selecionados foram realizados apenas com estudantes da saúde (medicina, farmácia, enfermagem, biomedicina, odontologia), 2 estudos com universitários não pertencentes a área da saúde e 8 com cursos em geral (saúde e não saúde).

Quadro 1. Artigos Utilizados na Revisão Sistemática de Literatura

Ano/Autor/Local	Título	Amostra	Objetivo	Resultado
2015 FERREIRA, Denise Miliolo; SILVA, Isadora Abrão; CARNEIRO, Letícia Salles. Centro-Oeste, Brasil.	Comparação entre conhecimento, comportamento e percepção de risco sobre DST/AIDS em estudantes de medicina e direito da PUC-GO.	Geral*	Analisar o conhecimento, comportamento e percepção sexual de risco acerca das DST/AIDS dos estudantes de diversos anos dos cursos de Medicina e Direito da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).	Conhecimento: adequado, embora 40,3% do direito e 19,6% da medicina considerem a transmissão pelo beijo, e 39,9% do direito e 29,3% da medicina acreditam na transmissão por utensílios. Comportamento: 27% da medicina e 35% do direito sempre usam preservativo, questionado o tipo de parceiro com quem usavam, 25,7% da medicina e 30,7% do direito afirmaram usar apenas com parceiros casuais. A maioria revelou atividade sexual com um a cinco parceiros.
2015 KUMAR, Vinod; PATIL, Kavitha; MUNOLI, Karishma. Karnataka, Índia.	Conhecimento e atitude em relação ao vírus da imunodeficiência humana/síndrome da imunodeficiência adquirida entre alunos de	Saúde	Avaliar o conhecimento e as atitudes relacionadas ao HIV/AIDS entre estudantes de odontologia e medicina.	Conhecimento: adequado, 95% da medicina e 96,5% da odontologia creem que os pacientes HIV positivos não parecem saudáveis. Comportamento: 38% medicina e 52% odontologia acham que o paciente com HIV deve ficar em quarentena para evitar propagação da infecção.

	graduação em odontologia e medicina.			8% medicina e 29% odontologia não se preocupam com o contágio ocupacional. 30% dos entrevistados não usam luvas enquanto lavam os instrumentos, 33% não estão dispostos a atender pessoas com HIV.
2016 CASTRO, Eneida Lazzarini de <i>et al.</i> Suldeste, Brasil.	O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários.	Geral	Quantificar e gerar autopercepção do (des)conhecimento sobre as DST, além de avaliar o interesse em uma disciplina sobre o tema.	Conhecimento: dúvidas sobre o tema em mais de 70% dos alunos, inclusive os da graduação em medicina. Comportamento: 99% já usou preservativo, 30,5% disseram usar constantemente, mas menos de 20% faz o uso adequado. 8,6% com histórico de DST. Jovens vêm iniciando a vida sexual cada vez mais cedo.
2016 KUETE, Martin de <i>et al.</i> Wuhan, China.	Diferenças de conhecimento, atitude e comportamento em relação ao HIV / AIDS e às infecções sexualmente transmissíveis entre estudantes estrangeiros sexualmente ativos e estudantes de medicina chineses.	Saúde	Comparar e mostrar as diferenças existentes entre conhecimento, atitude e comportamento de estudantes de medicina estrangeiros e chineses em relação a pessoas infectadas com HIV / DST.	Conhecimento: no geral os estudantes chineses apresentaram mais conhecimento em relação aos estrangeiros. Ambos apresentam uma lacuna no conhecimento, confundindo as vias de transmissão e tempo de testagem. Comportamento: $\frac{2}{3}$ dos estudantes chineses não foram testados, e tanto chineses (45,49%) quanto estrangeiros (35,67%) afirmam que abandonariam o uso do preservativo após a testagem do parceiro.
2016 FRANCISCO, Fernando Siqueira; COLOMBO, Tatiana Elias. Suldeste, Brasil.	Conhecimento de estudantes universitários em relação ao HIV-AIDS.	Saúde	Levantar o conhecimento de estudantes universitários em relação ao HIV.	Conhecimento: 100% se saíram bem nas questões básicas sobre transmissão do vírus. Porém, 55% sabem o período em que o HIV pode ser detectado, 65,1% não sabem qual exame laboratorial deve ser utilizado na detecção do vírus, 71% nunca realizou exame e 67,5% não pretende realizar o exame mesmo depois do que foi exposto durante o questionário.
2017 ALVES, Beatriz <i>et al.</i>	Perfil sexual de estudantes universitários.	Não saúde	Investigar o perfil sexual de estudantes universitários.	Conhecimento: observou-se uma confusão entre métodos contraceptivos e os de prevenção das DST/HIV/AIDS, preservativo (99,2%), pílula anticoncepcional-ACO (23,7%) e vasectomia (12,9%).

Sul, Brasil.				Comportamento: o não uso de preservativo está ligado a ter um parceiro fixo e ao nível de confiança nele (59%), a maioria substitui por ACO. Primeira relação entre 16-20 (53,9%). Uso do preservativo às vezes (36,4%). Número de parceiros 1-5 (78,44%).
2017 SANTOS, Vanessa Prado; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; MACARIO, Estefani Lima; OLIVEIRA, Tâmara Cerqueira da Silva. Nordeste, Brasil.	Existe relação entre o conhecimento de estudantes a respeito das formas de contágio do HIV e suas respostas sobre proximidade com soropositivos?	Saúde	Identificar o conhecimento de estudantes universitários sobre as formas de contágio do HIV/AIDS e correlaciona-lo com as respostas acerca da proximidade em relação às pessoas soropositivas.	Conhecimento: 27% afirmou que beijo na boca é forma de contágio e 39% que aleitamento materno não é forma de contágio do HIV. Comportamento: 25% do grupo A e 5,4% do grupo B se incomodariam se uma criança com HIV estudasse com seu filho. 8,7% do A e 0,9% do B concordam que o patrão deve mandar embora uma pessoa com HIV para proteger a si e aos colegas de trabalho. 13% do A e 6,8% do B se incomodariam se na vizinhança tivesse uma casa para pessoas com AIDS.
2017 PEREIRA, Elaine Cristina Leite <i>et al.</i> Centro-Oeste, Brasil.	Jovens universitários da área da saúde são vulneráveis ao HIV.	Saúde	Analisar a vulnerabilidade e ao HIV de jovens universitários.	Foi aplicado questionário que avalia conhecimento e comportamento em relação ao HIV/ AIDS e a partir dele classificou a população estudada em pouco, médio ou muito vulnerável. Assim, obteve que entre as mulheres 6,8% eram pouco, 54,2% médio e 39% muito vulnerável; entre os homens 4,5% eram pouco, 56,1% médio e 39,4% muito vulnerável.
2018 MOREIRA, Laísa Rodrigues; DUMITH, Samuel Carvalho; PALUDO, Simone dos Santos.	Uso de preservativos na última relação sexual entre universitários: quantos usam e quem são?	Geral	Medir a prevalência do uso de preservativo na última relação sexual entre universitários e os fatores associados.	Comportamento: apenas 41,5% usaram preservativos na última relação. Fatores que contribuíram para o menor uso do preservativo: não uso de preservativo na primeira relação, sexarca ≤ 14 anos e casados ou com companheiro (menor uso de todos). Fatores que contribuíram para o maior uso de preservativo: maior

Sul, Brasil.				idade de início da vida sexual, quem usou preservativo na sexarca, indivíduos mais jovens, com parceiro casual.
2018 ALI, Asad et al. Lahore, Paquistão	Comparação de conhecimentos e atitudes de estudantes de medicina e odontologia em relação ao HIV / AIDS no Paquistão.	Saúde	Verificar os níveis de conhecimento e atitudes sobre o HIV / síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) entre estudantes de medicina e odontologia.	O conhecimento (10,02/17) e o comportamento dos futuros profissionais de saúde, ou seja, estudantes de medicina e odontologia, é ruim em relação ao HIV / AIDS. A medida que o estudante envelhece na graduação seu conhecimento é maior (justificado pela maior prática clínica), mas o comportamento do estudante frente o paciente não mudou com avanço no curso, sempre regado de tabus e medos.
2019 LIMA, Giselle da Silva Figueiredo. Suldeste, Brasil.	Práticas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis de universitários masculinos: estudo comparativo.	Geral	Analisar comparativamente as práticas de prevenção das IST's de jovens universitários do sexo masculino de duas instituições.	Conhecimento: 81,3% afirma não ter todo conhecimento sobre IST, mas 90,2% conhecem algum método de prevenção. Comportamento: 86% iniciou a vida sexual, destes 27,7% não usou preservativo na sexarca. 70,9% tem parceiro sexual fixo e 45,4% deles não usam preservativo. 53% teve prática sexual com parceiro casual nos últimos 12 meses, 23,5% não usaram preservativo. 15,3% tiveram prática sexual com mais de 5 parceiros nos últimos 12 meses. 42,5% não negociam o uso do preservativo. 91,8% nunca usaram o preservativo feminino com a parceira. 66,5% nunca fizeram teste para HIV/AIDS. 5,7% declararam histórico de IST.
2020 SILVA, Layla Caroline et al. Nordeste, Brasil.	Conhecimento de homens jovens sobre infecção pelo HIV e fatores associados.	Geral	Analisar o conhecimento de homens jovens sobre a infecção pelo HIV e fatores sociodemográficos e relativos	Conhecimento: adequado pela maioria. Contudo, 63,5% não conhecem o conceito de janela imunológica. 93% não conhecem a PrEP e a PEP. 83,4% dos homens com baixa renda responderam por picada de inseto. Comportamento: 54,6% não acreditam que

			à sexualidade associados.	podem infectar-se pelo HIV motivados pela confiança na parceira ou por ter parceira fixa. 35,4% tiveram parceiros casuais nos últimos 12 meses e 12,2% declararam relação sexual com parceiros casuais estando com parceiro fixo. 2,1% relataram histórico de IST.
2020 ALDHALEEI, Wafa Ali; BRAGAVATHUL A, Akshaya Srikanth. Península arábica.	HIV / AIDS - conhecimento e atitudes na Península Arábica: Uma revisão sistemática e meta-análise.	Geral	Resumir o nível de conhecimento e atitude sobre HIV / AIDS em sete países da Península Arábica (Arábia Saudita, Omã, Kuwait, Qatar, Bahrein, Iêmen e Emirados Árabes Unidos).	Conhecimento: a média do conhecimento sobre HIV/AIDS foi 74,4%, sendo mais alto em médicos (94,1%) e estudantes universitários (70,8%), a população em geral tinha conhecimento moderado (64,6%). Comportamento: 52,8% revelaram atitudes positivas em relação ao HIV/AIDS, tendo variado de 93% em Omã a 22,5% em Bahrein.
2020 SUN, Xinying; FAN, Lishi; CHANG, Chun; SHI, Yuhui. China.	Percepção e comportamento relacionados ao HIV/AIDS: um estudo comparativo entre estudantes universitários de diferentes cursos na China.	Geral	Comparar a diferença de estudantes universitários de seis cursos na China nos aspectos de conhecimentos, atitudes e comportamentos relacionados à AIDS.	Conhecimento: 11,3% dos homens e 5,1% das mulheres são sexualmente ativos. Alunos de educação tiveram as pontuações mais baixas em conhecimentos relacionados à AIDS, já os de medicina obtiveram as pontuações mais altas. 95% acreditam que as pessoas podem se proteger de contrair HIV fazendo sexo com apenas um parceiro fiel e não infectado. Comportamento: a taxa de intenção de uso do preservativo foi maior nos alunos de artes plásticas, mas o uso de fato foi maior entre os alunos de medicina. Estudantes do sexo feminino tinham menos conhecimento sobre HIV/AIDS e atitudes mais conservadoras.
2020	Perdido na tradução: o conhecimento de estudantes	Geral	O presente estudo examinou o	Conhecimento: foi considerado alto, mas baixo sobre a

STUTTS, Auren et al. EUA.	universitários sobre HIV e PrEP em relação aos seus comportamentos de saúde sexual.		conhecimento de estudantes universitários sobre o HIV e a profilaxia pré-exposição em relação aos seus comportamentos de saúde sexual.	PrEP. O conhecimento sobre HIV e PrEP não se relacionou com o uso de preservativo. Comportamento: 73% não usa preservativo em todos momentos e 41% nunca fez o teste de HIV. Mulheres, alunos de escolas públicas do último ano e alunos com maior conhecimento possuem mais probabilidade de fazer o teste que seus colegas.
2020 AVINA, Robert et al. EUA.	“Na verdade, não sei o que é o HIV”: uma análise de métodos mistos da alfabetização de estudantes universitários sobre HIV.	Não saúde	Abordar a alfabetização atual sobre HIV em um campus universitário de médio porte, com uma população estudantil de minoria (mulheres, latinos e primeira geração).	Conhecimento: 35,6% não sabia o que significava HIV e 30,3% identificaram de forma correta como ele impacta o sistema imunológico. Sobre a PrEP, 68% não sabem se ela previne o HIV se tomada diariamente. Sobre as formas de transmissão, 60,1% identificaram as corretas, 25% marcaram verdadeiro para o beijo. Prevalência dos mitos sobre a transmissão (beijo, assento vaso e tocar).
2021 PRZYBYLA, Sarahmona et al. EUA.	Conhecimento, familiaridade e atitudes da profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) entre estudantes profissionais de saúde dos Estados Unidos: um estudo transversal.	Saúde	Avaliar e comparar a consciência, conhecimento e familiaridade de profissionais de saúde em treinamento com as diretrizes de prescrição de PrEP.	Conhecimento: verificou-se que o nível de consciência sobre a PrEP é alto nos cursos de Medicina, Farmácia e Enfermagem. Mas o curso de farmácia apresenta a melhor educação sobre essa, apesar da menor disposição a indicar as necessidades desses a alguém, diferente do curso de medicina, que são os mais dispostos a encaminhar alguém ao tratamento. Já o curso de Enfermagem apresentou a menor consciência e familiaridade com as diretrizes a PrEP.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Geral*: universitários da área da saúde e não saúde.

4 DISCUSSÃO

O conhecimento sobre o HIV/AIDS é essencial para o combate efetivo dessa pandemia, hoje, após 40 anos de doença, tem-se vasto conhecimento a seu respeito

nos meios sociais e acadêmicos. Todavia, nem sempre esse está presente de forma homogênea e profunda para as pessoas.

Morita *et al.* (2012), traz a possibilidade desse conhecimento ser superficial, como se esse fosse o mesmo que “atirar pedras na superfície de um lago escuro”, onde não se sabe ao certo onde essa vai parar e possivelmente produza uma abalo somente superficial. Essa ideia é corroborada por estudos que classificam o conhecimento dos universitários como adequado, mas mostra lacunas e falhas em diversas áreas, como nas formas de contágio, nos métodos de prevenção e/ou nos relacionados à testagem.

Nesse contexto, Silva *et al.* (2020) classificou o conhecimento de sua amostra como adequado à maioria, mas 83,4% das pessoas com baixa renda responderam como uma via possível de infecção à picada de inseto. Ademais, a transmissão pelo beijo também é considerada em diversos estudos, como é o caso de Santos *et al.* (2017), que mesmo com 96% de acertos sobre as formas de contágio, 27% dos estudantes da saúde, ainda assinalou o beijo como possível forma de transmissão. Já Ferreira, Silva, Carneiro (2015) encontrou uma quantidade menor nessa mesma via, 19,6 % de sua amostra de estudantes de medicina, mas esses foram superado por 40,3% dos estudantes de direito e mesmo assim, de uma forma geral, o conhecimento de sua pesquisa também foi considerado adequado. Ferreira, Silva, Carneiro (2015) e Santos *et al.* (2017), ainda constataram outras vias de transmissão com equívocos, como a utilização de utensílios (25,3%) e o aleitamento materno como uma forma de não transmissão (39%), respectivamente.

No geral, o conhecimento de estudantes da área da saúde é alto, mas mitos e equívocos foram verificados. Como nas duas últimas pesquisas elucidadas anteriormente, que são atestada por Kuete *et al.* (2016), onde este diz que os chineses possuem um conhecimento maior em relação aos estudantes estrangeiros, mas ainda há uma lacuna nas vias de transmissão e no tempo de testagem em ambos os grupos. Bem como na investigação de Francisco e Colombo (2016), que relata que 100% de seu grupo no sudeste do Brasil respondeu bem a perguntas básicas sobre o tema, mas 65% não sabem o exame laboratorial de escolha e 55% não sabem o tempo de detecção do vírus no exame após a infecção (janela imunológica). Dado esse contraposto pelo o de Silva *et al.* (2020), no qual o desconhecimento sobre a janela imunológica foi de 63,5%, mas sua amostra não era de apenas de estudantes da saúde, mas geral.

Gir *et al.* (1999) dizem que o estudante da área da saúde será a pessoa a cuidar de alguém com HIV/AIDS, sendo assim é imprescindível o conhecimento de forma profunda a respeito. Para que assim, ele tenha um pensamento crítico de suas atitudes, tanto para a autoproteção como para o bem estar do paciente. Portanto, o conhecimento desse estudante tem que ser alto como verificado, mas as falhas nesse, mesmo que mínimas, devem ser constantemente ajustadas. Como é o caso da janela imunológica, pois a falta do conhecimento de que o vírus pode demorar semanas para ser detectado no exame de sangue, afeta diretamente o comportamento do indivíduo e a taxa de transmissão da doença, pois sentirá com a falsa impressão de sorologia negativa (LAZZAROTTO; DERESZ; SPRINZ, 2010).

A respeito dos métodos de prevenção, no contexto do HIV, o preservativo masculino e feminino são os principais, e juntos com a testagem anti-HIV entre parceiros e o incentivo de práticas não penetrativas, formam o conhecido como métodos clássicos de prevenção. Todavia, novas tecnologias vêm sendo acrescentadas a esse combate, como é o caso da profilaxia pré-exposição (PrEP) e da profilaxia pós exposição (PEP), que são, respectivamente, medicamentos tomados antes da exposição ao vírus ou até 72 horas depois. Sendo a associação dos métodos clássicos com os novos, conhecida como prevenção combinada (ZUCCHI *et al.*, 2018).

O conhecimento sobre a PrEP foi verificado nesta revisão, no Brasil ela fez parte do estudo de Silva *et al.* (2020), enquanto que no panorama internacional foi analisada em 3 pesquisas. Na nacional, 93% dos estudantes homens desconhecia sobre a PrEP, verificando assim uma maior vulnerabilidade desse grupo. Em contrapartida, Avina *et al.* (2020), pesquisou em grupos de universitários de minoria na Califórnia, constatando que o conhecimento a respeito desse método biomédico de prevenção é baixo, demonstrando falhas como não saber o público alvo e o uso correto. Pode-se analisar que existe um avanço no Estados Unidos em relação ao Brasil, nesses estudos, pois nacionalmente percebe-se que a maioria nunca ouviu falar sobre a PrEP, enquanto 75% dos californianos reconheceram que o preservativo somado com a PrEP é mais eficaz para a prevenção.

Stutts *et al.* (2020), também avaliou que o conhecimento sobre o tema é baixo e que esse não influencia no uso de preservativo, ao contrário de Przybyla *et al.* (2021). Esse constatou que os estudantes da saúde de medicina, enfermagem e farmácia de sua amostra sabem bastante sobre a PrEP, principalmente o último. Contudo, os acadêmicos de farmácia não se sentiam tão seguros quanto os de

medicina em encaminhar alguém para esse serviço. Nesse sentido, o conhecimento sobre e o comportamento estão intimamente ligados, seja o comportamento profissional ou o de risco.

Segundo Saúde (sd), comportamento de risco são práticas adotadas que aumentam o risco de contrair uma doença sexualmente transmissível. Isso significa que qualquer ato passível de transmissão do HIV – relação sexual desprotegida, compartilhamento de droga injetável, não utilização de equipamentos de proteção individual (EPI) quando do manuseio de materiais biológicos ou perfuro cortantes, entre outras formas de propagação do vírus – é considerado prática de risco para sua infecção.

Quando analisadas as pesquisas selecionadas para a presente revisão, notou-se que o comportamento adotado pela maioria dos universitários é inadequado em vários aspectos, a começar pela idade de iniciação sexual. Notadamente os jovens brasileiros estão iniciando cada vez mais cedo o ato sexual, ao passo que o estudo de Moghaddam *et al.* (2015) identificou um média de 18 anos para a sexarca, 16,6 anos foi a média em Sales *et al.* (2016), mas segundo Moreira, Dumith, Paludo (2018) a maioria dos universitários afirmaram ser sexualmente ativo desde os 14 anos ou menos. Tal fato é um agravante para o aumento do comportamento de risco, visto que sexarca precoce é considerada um fator contribuinte para o menor uso do preservativo ao longo da vida, ainda segundo Moreira, Dumith, Paludo (2018).

Todavia, o agravante sexarca precoce não foi expressivo na China. Nesse país, o índice de estudantes entre 16 a 20 anos sexualmente ativos foi o mais baixo de todos os estudos analisados (11,3% dos homens e 5,1% das mulheres) (SUN *et al.*, 2020). Lá também foi observado que as estudantes do sexo feminino tinham menos conhecimento sobre HIV/AIDS, contudo tinha as atitudes mais conservadoras, o que pode evidenciar que medos e tabus interferem mais no comportamento de risco do que o conhecimento. Outro fator que colabora para a menor adesão ao uso do preservativo é não usá-lo na primeira relação, o que foi observado em 27,7% dos 86% universitários sexualmente ativos (LIMA, 2019).

Ainda sobre o uso de preservativo, em Lima (2019) 70,9% afirmam ter parceiro sexual fixo e destes 45,4% não usam preservativo nas relações, 53% tiveram prática sexual com parceiro casual nos últimos 12 meses e 23,5% não usaram preservativo, ou seja, há um aumento da não adesão ao uso do preservativo em relacionamentos estáveis, seja cônjuges ou namorados. A pesquisa de Alves *et al.* (2017) corrobora

com essa afirmação ao demonstrar que 59% de sua amostra afirmou não usar preservativo com parceiro sólido, substituindo ele por anticoncepcional oral (ACO). Além disso, de acordo com Silva *et al.* (2020) 54,6% não acreditam que podem infectar-se pelo HIV motivados pela confiança na parceira ou pelo fato de ter uma companheira estável.

Constatou-se ainda que o uso do preservativo ocorre predominantemente nas relações casuais, 25,7% dos estudantes de medicina e 30,7% dos estudantes de direito afirmaram usar preservativo apenas com parceiros casuais, sendo que apenas 27% da medicina e 35% do direito afirmam sempre usar preservativo (FERREIRA; SILVA; CARNEIRO, 2015). Isso também demonstra a inconstância da utilização do método profilático, pois mesmo quem afirma usar o preservativo não o utiliza sempre. Castro (2016) verificou que 99% dos participantes de sua pesquisa afirmaram já ter usado preservativo, mas apenas 30,5% disseram usar constantemente, e destes menos de 20% faz o uso adequado; em Stutts (2020) 73% não usa preservativo em todos momentos; e o uso do preservativo às vezes (36,4%) também foi confirmado em Alves *et al.* (2017).

Outrossim, é importante pontuar que os estudos de Ferreira, Silva, Carneiro (2015) e Alves *et al.* (2017) além de revelar que a maioria dos universitários afirmam não usar o preservativo rotineiramente ainda mantém atividade sexual com um a cinco parceiros e em Lima (2019) 15,3% tiveram práticas sexuais com mais de cinco parceiros em 12 meses, o que representa mais uma variante de risco para infecção pelo HIV.

Essa análise está de acordo com o encontrado em outras literaturas que observaram que os universitários possuem conhecimento adequado sobre IST's, no entanto não utilizam preservativos em todas as relações sexuais, demonstrando que deter o conhecimento não garante uma prática sexual sem risco (ROCHA; SILVA, 2014).

Quanto as testagens para detecção do HIV, um estudo constatou que 66,5% nunca testou (LIMA, 2019). Em outro 41% nunca testou, mas mulheres e estudante com maior conhecimento apresentaram maior probabilidade de realizarem o teste (STUTTIS *et al.*, 2020), demonstrando que o conhecimento é capaz de influenciar na busca de testagem. Já em Kuete *et al.* (2016) 2/3 dos estudantes nunca testaram e 45,49% do chineses e 35,67% dos estrangeiros que lá estudavam afirmaram que abandonariam o uso do preservativo após o teste de HIV de seus parceiros, revelando

mais uma vez o comportamento de risco relacionado a relações estáveis e a falta de conhecimento adequado, visto que uma pessoa que encontra-se na janela imunológica pode apresentar teste negativo para o HIV naquele momento.

Em relação às IST 's, poucas foram as pessoas que declaram histórico desse tipo de infecção, sendo 8,6% em Castro *et al.* (2016), 5,7% segundo Lima (2019) e 2,1% em Silva *et al.* (2020).

Em virtude de tratar-se de um estudo que tem universitários da área da saúde como grande parcela da amostra, e ciente que estes se expõem ao risco ocupacional de infectar-se pelo vírus, é relevante discutir sobre o uso dos EPI's durante as práticas e como lidam com pacientes soropositivos. E o que se observou foi que 8% dos alunos de medicina e 29% dos alunos de odontologia não se preocupam com o contágio ocupacional e 30% dos entrevistados não usam luvas enquanto lavam os instrumentos (KUMAR; PATIL; MUNOLI, 2015), comprovando que apesar do conhecimento as atitudes são negativas frente ao risco. Além disso, o comportamento dos futuros profissionais de saúde foi considerado ruim em relação ao HIV/AIDS, pois mesmo com o aumento do conhecimento ao longo do curso o comportamento do estudante frente ao paciente não mudou, estando sempre regado a tabus e medos (ALI, 2018).

Quando comparado os estudantes da área da saúde com os outros fica evidente o maior conhecimento do primeiro em relação ao segundo, os índices de erros em relação a transmissão e métodos de prevenção são menores pelos universitário de medicina, enfermagem, odontologia e farmácia, contudo as atitudes frente ao risco de adquirir HIV não foram positivas como eram esperadas, em Ferreira; Silva; Carneiro (2015) apenas 27% da medicina sempre usavam preservativo, em contrapartida 35% do direito afirmaram sempre usar. Logo, o índice de vulnerabilidade dos universitários de forma geral é alto, pois a maioria dos estudos revelaram alta prevalência de diversos comportamentos negativos, mesmo considerando o conhecimento adequado.

Em suma, foi constatado que o conhecimento entre os universitários é realmente maior que o da população geral, bem como Aldhaleei, Bragavathula (2020) afirmou. Entretanto o comportamento desses, tanto quanto para autoproteção quanto ao profissional, não está atrelado a isso. O uso do preservativo no Brasil e no mundo é regado a fatores socioculturais, como a monogamia e a confiança, e a atitude do futuro profissional frente ao HIV/AIDS, ainda é cercada pelos mitos e

estigmas. Associa-se ainda que o conhecimento sobre as novas tecnologias é baixo, no panorama mundial, mas que quando presente não influenciou em comportamentos adequados. Análise essa solidificada por outros estudos que determinaram que o conhecimento (mesmo que adequado) é uma fator que oferece proteção, mas não determina necessariamente a prática sexual segura (ARAÚJO *et al.* 2018). Posto que, o uso ou não de medidas preventivas nas relações sexuais não é apenas uma questão padronizada pela ciência, mas fundamentada por comportamentos, cultura e necessidades (STALIANO; ELIZABETH, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa foi percebido que o uso de preservativo não é diretamente proporcional ao nível de conhecimento do indivíduo, pois mesmo em estudantes que possuem altos índices de conhecimento demonstrou-se incidência de comportamentos de risco. Nesse contexto, a perpetuação desses riscos e estigmas frente à doença, mesmo em futuros profissionais da saúde, não é baseada na sensação de segurança pelo avanço científico, mas sim por influências socioculturais como na população de um modo geral.

Ademais, pode-se observar a escassez de pesquisas nacionais a respeito das novas tecnologias de prevenção e o comportamento de estudantes universitários, existindo a concentração dessas no eixo sul e sudeste do país. No panorama internacional o número de estudos foi maior, mas ainda pequeno na avaliação da profilaxia pré-exposição. Sendo que, dentre as que citaram essa, o nível do conhecimento foi considerado insatisfatório, exceto por estudantes da saúde. Diante disso, novas pesquisas de campo precisam ser realizadas para a avaliação do conhecimento da PrEP e comportamento entre os jovens universitários brasileiros, principalmente nas regiões centro-norte do país, além da inserção de atualizações sobre o HIV/AIDS nas faculdades de todo país.

REFERÊNCIAS

ALDHALEEI, Wafa Ali; BHAGAVATHULA, Akshaya Srikanth. HIV/AIDS-knowledge and attitudes in the Arabian Peninsula: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Infection Public Health**, United Arab Emirates, v. 13, ed. 7, p. 939-948, 2020.

ALI, Asad *et al.* Comparison of Knowledge and Attitudes of Medical and Dental Students towards HIV/AIDS in Pakistan. **International Journal of STD & AIDS**. Cureus, v. 10, ed. 4, p.24-26, 2018.

ALVES, Beatriz *et al.* Perfil sexual de estudantes universitários. **Revista brasileira de promoção da saúde**, Universidade Comunitária do Vale do Itajaí - UNIVALI - Itajaí (SC), v. 30, ed. 4, p.1-8, 2017.

ANDIFES. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018**. Fórum nacional de pró-reitores de assuntos comunitários e estudantis, Uberlândia, 2019.

ARAUJO, Janieiry L. *et al.* Conhecimento e comportamento sexual dos universitários diante a vulnerabilidade ao HIV/AIDS. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 37, n. 3, p. 702-724, 2013.

AVINA, Robert M. *et al.* "I actually Don't Know What HIV Is": A Mixed methods Analysis of College Students' HIV Literacy. **Department of Helth Science and Human Ecology**, California State University, San Bernardino, v. 8, ed. 1, p. 1, 2020.

BRASIL, Ministério da Saúde; Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Indicadores e Dados Básicos do HIV/AIDS nos Municípios Brasileiros**. Disponível em: <http://indicadores.aids.gov.br/>. Acesso em: 08 mar. 2020.

CASTRO, Eneida Lazzarini de *et al.* O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciênc. Saúde coletiva**, v.21m n.6, Rio de Janeiro, 2016.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL (CDC, 1981b) *et al.* Kaposi's sarcoma and Pneumocystis pneumonia among homosexual men--New York City and California. **MMWR. Morbidity and mortality weekly report**, v. 30, n. 25, p. 305, 1981. Tradução Tássia Kenya Pereira da Silva Melo.

FERREIRA, Denise Milioli; SILVA, Isadora Abrão; CARNEIRO, Letícia Salles. Comparison between knowledge, behavior and risk perception about the STD/AIDS in medicine and law students from PUC-GO. **DST - Jornal brasileiro de doenças Sexualmente Transmissíveis**, Goiás, v. 27, n. 3-4, p. 92-97, 2015.

FOCACCIA, Roberto; VERONESI, Ricardo. **Tratado de infectologia** – Volume 1. 6ª edição revista e atualizada. São Paulo: Editora Atheneu, 2020.

FRANCISCO, Fernando Siqueira; COLOMBO, Tatiana Elias. Conhecimento de estudantes universitários em relação ao HIV/AIDS. **I Health Sci Inst**, São José do Rio Preto (SP), v.34, n.2, p.69-74, 2016.

GALVÃO, Taís Freire; PANSANI, Thais de Souza Andrade; HARRAD, David. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v.24, n.2, p.335-342, Brasília, 2015.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S223796222015000200335&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 de mar. 2021.

GIR, Elucir *et al.* Medidas preventivas contra a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis conhecidas por universitários da área de saúde. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 11-17, Jan. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691999000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2021.

KUET, Martin *et al.* Differences in Knowledge, Attitude, and Behavior towards HIV/AIDS and Sexually Transmitted Infections between Sexually Active Foreign and Chinese Medical Students. **BioMed Research International**, v. 2016.

Kumar V, Patil K, Munoli K. Knowledge and attitude toward human immunodeficiency virus/acquired immuno deficiency syndrome among dental and medical undergraduate students. **Journal of Pharmacy & Bioallied Sciences**, Índia, v.7, n.6, p.666-671, 2015.

LAZZAROTTO, Alexandre Ramos; DERESZ, Luís Fernando; SPRINZ, Eduardo. HIV/AIDS e Treinamento Concorrente: a Revisão Sistemática. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói, v. 16, n. 2, p. 149-154, Apr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922010000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 Abr. 2021.

LIMA, Giselle da Silva Figueiredo. Práticas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis de universitários do sexo masculino: estudo comparativo. 2019. 112f. **Tese** (mestrado em enfermagem). Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2019.

MOHAMMAD, Reza *et al.* Sexual and reproductive behaviors among undergraduate university students in Mashhad, a city in Northeast of Iran. **Journal of reproduction & infertility**, v. 16, n. 1, p. 43, 2015. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4322181/pdf/JRI-16-43.pdf>. Acesso em: 26 de abr. 2021.

MOREIRA, Laísa Rodrigues; DUMITH, Samuel Carvalho; PALUDO, Simone dos Santos. Uso de preservativos na última relação sexual entre universitários: quantos usam e quem são? **Ciência em saúde coletiva**, Rio Grande (RS), v.24, n.4, 2016.

MORITA, Ione *et al.* Origem do conhecimento sobre HIV/Aids: entre o pessoal e o acadêmico. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 197-203, June 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022012000400007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 abr. 2021.

PEREIRA, Elaine Cristina Leite *et al.* **Jovens universitários da área da saúde são vulneráveis ao HIV. Tempus Actas de Saúde Coletiva**, Universidade de Brasília, v.11, n.2, 2017.

PRZYBYLA, Sarahmona *et al.* **HIV pre-exposure prophylaxis (PreP) knowledge, familiarity, and attitudes among United States healthcare professional students: A cross-sectional study.** *Preventive Medicine Reports*, v.22, 2021.

ROCHA, Yuri de Araújo; SILVA, Maria Aparecida da. Conhecimento sobre HIV/AIDS e práticas sexuais de estudantes de graduação em enfermagem. *Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde*, v. 41, n. 2, p. 275-289, 2014.

SALES, Willian Barbosa *et al.* Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. *Revista de enfermagem referência*, v. 4, n. 10, p. 19-27, 2016.

SANTOS, Vanessa Prado *et al.* Existe relação entre o conhecimento de estudantes a respeito das formas de contágio do HIV/AIDS e suas respostas sobre a proximidade com soropositivos? *Ciências e saúde coletiva*, Universidade Federal da Bahia, v.22, n.8, 2017.

SAÚDE, S.P.A. – Sistema de Promoção Assistencial. **Comportamento de Risco.** São Paulo, sd. Disponível em: http://www.spasaude.org.br/vis_dicas.php?cod_dic=1#:~:text=Comportamento%20de%20risco%20s%C3%A3o%20pr%C3%A1ticas,um%20indiv%C3%ADduo%20adquirir%20uma%20doen%C3%A7a. Acesso em: 26 abr. 2021.

SILVA, Layla Caroline Lino da *et al.* Conhecimento de homens jovens sobre infecção pelo HIV e fatores associados. *Rev baiana enferm.*, Salvador, v.34, 2020.

STALIANO, Pamela; COELHO, Angela Elizabeth Lapa. Conhecimentos, atitudes e percepção de risco dos acadêmicos de Fonoaudiologia perante a AIDS. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 100-116, abr. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 abr. 2021.

STULTTS, Auren A. *et al.* Lost in translation: o student knowledge students on HIV and PreP in relation to your sexual health behavior. *Preventive Medicine Reports*, v.14, 2020.

SUN Xinying *et al.* HIV/AIDS related perception and behavior: A comparative study among college students of different majors in China. *Int J Nurs Sci.* v. 20, n. 7, p. 74-79, 2020.

UNAIDS - Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS. **Estatísticas.** Brasília (DF); 2020.

ZUCCHI, Eliana Miura *et al.* Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 7, e00206617, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000703001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 abr. 2021.